



**SENTIPENSAR UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A  
LITERATURA DE EDUARDO GALEANO**

*FEELING-THINKING A RESEARCH IN ENVIRONMENTAL EDUCATION  
WITH THE LITERATURE OF EDUARDO GALEANO*

*SENTIPENSAR UNA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN AMBIENTAL CON  
LA LITERATURA DE EDUARDO GALEANO*

Daniel Ganzarolli Martins<sup>1</sup>,  
Shaula Maíra Vicentini de Sampaio<sup>2</sup>

**Resumo:**

Esse artigo tem por objetivo destacar o conceito de sentipensar da obra do escritor uruguaio Eduardo Galeano, conectando-o a uma pesquisa em educação ambiental que dialoga com perspectivas teórico-epistemológicas pós-estruturalistas e descoloniais. Realizamos oficinas junto aos trabalhadores de uma escola municipal de Florianópolis (SC), nas quais eles puderam criar poéticas e narrativas inspiradas pelo ambiente escolar. Nesse movimento, a literatura de Galeano foi particularmente significativa através de dois de seus contos: "A função da arte/1" e "Janela sobre a palavra/ IV". Ao apresentarmos as criações poéticas dos funcionários, não buscamos decifrá-las ou analisá-las, mas sim ressoar suas múltiplas sensibilidades e potências políticas, ventilando possibilidades criativas da educação ambiental com a literatura.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental, Narrativa, Literatura.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense e professor de Ciências na rede pública de ensino do município de Maricá (RJ). E-mail: danielgmk9@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5113-9745

<sup>2</sup> Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Ciências Biológicas (UNICAMP) e Mestre e Doutora em Educação (UFRGS). E-mail: shaula.maira@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8898-3659

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo resaltar el concepto de sentipensar en la obra del escritor uruguayo Eduardo Galeano, relacionándolo con una investigación en educación ambiental que dialoga con perspectivas teórico-epistemológicas posestructuralistas y descoloniales. Realizamos talleres con trabajadores de una escuela municipal en Florianópolis (SC), donde ellos pudieron crear poéticas y narrativas inspiradas en su ambiente escolar. En este movimiento, la literatura de Galeano fue particularmente significativa a través de dos de sus cuentos: "La función del arte / I" y "Ventana sobre la palabra / IV". Al presentar las creaciones poéticas de los empleados, no buscamos descifrarlas o analizarlas, sino resonar sus múltiples sensibilidades y potencialidades políticas, vislumbrando posibilidades creativas de la educación ambiental con la literatura.

**Palabras clave:** Educación Ambiental, Narrativa, Literatura.

## Abstract:

This article aims to highlight the concept of feeling-thinking in the work of the Uruguayan writer Eduardo Galeano, connecting it to a research in environmental education that dialogues with post-structuralist and decolonial theoretical-epistemological perspectives. We held workshops with workers of a municipal school in Florianópolis (SC), where they were able to create poetics and narratives inspired by their school environment. In this movement, Galeano's literature was especially significant in two of his short stories: "The function of art / I" and "Window on the word/ IV". While presenting the employees' poetic creations, we do not seek to decipher or analyze them, but rather to resonate their multiple sensibilities and politics and to emphasize new possibilities between environmental education and literature.

**Keywords:** Environmental Education, Narrative, Literature.

## O *sentipensar* na obra de Galeano

Gosto das pessoas sentipensantes,  
que não separam a razão do coração.  
Que sentem e pensam ao mesmo tempo.  
Sem divorciar a cabeça do corpo,  
nem a emoção da razão  
(Eduardo Galeano)

Eduardo Hughes Galeano (1940-2015) foi um jornalista e escritor uruguaio reconhecido pela criticidade da sua obra literária, assim como pela diversidade de gêneros textuais pelos quais atravessou, desde o jornalismo à ficção, passando pela análise política à reflexão histórica. Curiosamente, um dos seus sonhos de criança era ser jogador de futebol, algo que se mostra em algumas das suas obras como “O Futebol ao sol e à sombra” (GALEANO, 2009). Aos 19 anos, ele tentou o suicídio ao viver uma crise existencial e, após se recuperar, mudou sua assinatura de Eduardo Hughes para Eduardo Galeano, como forma de afirmar um renascimento pessoal. Galeano foi perseguido pela ditadura militar uruguaia que se iniciou no ano de 1973, tendo passado um período preso. Após ser solto, ele decidiu se refugiar na Argentina, onde fundou a revista *Crisis*, e no momento que se tornou alvo potencial dos esquadrões da morte de paramilitares, exilou-se na Espanha em 1976. Lá residiu até o ano de 1985, quando finalmente terminou o regime ditatorial uruguaio e pôde retornar com segurança para sua terra natal<sup>3</sup>. Tendo essas profundas marcas em sua trajetória, ao longo da sua vida Galeano produziu escritos que buscavam a humanização do outro, na defesa da liberdade e dos direitos dos que são oprimidos pelas injustiças sociais.

Atualmente podemos compreender que o autor e sua obra trouxeram contribuições significativas para a reflexão descolonial, dentre outras correntes teóricas como os estudos subalternos e o marxismo latino-americano, com sua reverberante análise crítica feita no livro “*Veias Abertas da América Latina*” (GALEANO, 1999a), originalmente publicado no ano de 1971. Ao articular uma minuciosa revisão historiográfica, ele expõe a exploração que sofreu o continente americano - seja seu povo ou suas terras -, primeiramente pelo colonialismo das Coroas Espanhola e Portuguesa, com a apropriação das riquezas naturais das suas colônias. Já no século XX, a América Latina seria constantemente alvo da política imperialista praticada pelos Estados Unidos, entremeando golpes de estado e a repressão sistemática dos movimentos democráticos que se desenvolviam nas nações latino-americanas. Cabe colocar a conexão profunda da obra de Galeano que poderíamos tecer com o que hoje chamaríamos de uma emergente “educação ambiental desde el sur”, movida por uma política e uma poética descolonial (RUFINO et al., 2020), com a qual também estamos a dialogar nesse artigo.

Na trilogia “*Memórias do Fogo*” (GALEANO, 1996, 1998, 1999b), Galeano apresenta com grande densidade poética as “histórias que a história não conta”, para usar a frase da

---

<sup>3</sup> Tais informações biográficas foram obtidas da dissertação de Campiollo (2018) e da reportagem de Roberto López Belloso sobre Eduardo Galeano para a Revista *Gatopardo*, que pode ser acessada no seguinte link: <https://gatopardo.com/reportajes/eduardo-galeano-escriptor-uruguayo-las-venas-abiertas-de-america-latina/>. Acesso no dia 22/11/2020

canção “Histórias de ninar gente grande”<sup>4</sup>, da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Galeano traz narrativas de revoluções contra escravocratas e da formação de quilombos, mulheres que não se submeteram ao que o patriarcado lhes havia imposto, indígenas em revolta contra aqueles que queriam colonizar suas mentes e corpos. São eles e elas os “ninguéns” (GALEANO, 2006, p. 71), aqueles e aquelas que são frequentemente esquecidos, excluídos ou subalternizados pela história oficial. Galeano “escova a história à contrapelo”, para usar a expressão criada por Walter Benjamin (1987), ao pôr em foco as lutas dos diferentes povos contra as opressões a qual eram e continuam a ser submetidos.

Galeano, com sua disposição sentipensante, segue com uma obra que dialoga com o mundo contemporâneo. Talvez uma das concepções mais potentes que atravessam a obra desse escritor seja esse autêntico sentipensar, quando realiza com precisão uma crítica sobre as desigualdades sociais, ao mesmo tempo traz um olhar sensível para os problemas do mundo, numa busca de superação da lógica binária e moderna que divorcia razão e emoção, ou mente e corpo. Essa expressão foi popularizada pelo sociólogo Orlando Fals Borda, que a descobriu quando realizava uma pesquisa junto a pequenos povoados ribeirinhos da costa atlântica colombiana, como ele relata no trecho abaixo:

Esse sentipensante que aparece em meus livros não fui eu que inventei. Isso foi lá em um dos pântanos próximos de San Benito Abad, perto de Jegua, lá por esses lugares, que algo aconteceu com um pescador que estava comigo e disse: ‘Olhe para nós, acreditamos que agimos com o coração, mas também usamos a cabeça e quando combinamos as duas coisas, somos sentipensantes’. Um conceito tão sensível, certo? Se entende, não? É muito bonito, tão bonito que Eduardo Galeano o roubou de mim em seus últimos livros. Claro que ele é muito honesto e diz que isso vem da história da Costa, mas para Eduardo Galeano o conceito sentipensante é agora central em sua filosofia literária<sup>5</sup>. (CAMPIOLO, 2018, p.89).

Campiole (2018), ao analisar a retórica de Eduardo Galeano na coluna “Veias Abertas/Janelas Abertas”, publicada na década de 1990, sustenta a tese de que existem quatro máximas galeanas que são atravessadas pelo seu sentipensar: Quem não tem, nada é; Não existe pior colonialismo do que aquele que nos conquista o coração e nos apaga a razão; O convite ao consumo é o convite ao delito; e O mundo, que está de pernas para o ar, vai se erguer sobre os próprios pés.

O conceito de sentipensar também está presente no livro “Sentipensar com a Terra”, do antropólogo Arturo Escobar (2014), que inclusive o conecta com a luta pela terra dos povos tradicionais e indígenas da América Latina, em especial na sua “arte de viver” junto aos seus territórios. Ao expor a necessidade de diálogo com essas outras ontologias, o autor coloca: “Sentipensar com o território implica pensar a partir do

---

<sup>4</sup> Samba-enredo que rendeu o título de campeã à Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira no Carnaval de 2019 da cidade do Rio de Janeiro. Composição feita por Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira, Danilo Firmino, Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

<sup>5</sup> Essa fala é uma gravação em vídeo de Orlando Fals Borda (2016), sendo traduzida do espanhol para o português por Campiole (2018). Link da entrevista de onde foi retirada essa fala: <https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo&t=33s>. Acesso no dia 22/11/2020

coração e a partir da mente, a co-razonar, como bem enunciam os companheiros de Chiapas inspirados na experiência zapatista” (ESCOBAR, 2014, p. 16)<sup>6</sup>.

Nesse artigo, pegamos emprestada a palavra sentipensar, invocando a mistura entre política e sensibilidade que permeia a obra de Galeano, como fonte de possíveis criações narrativas e inventividades poéticas para a educação ambiental. Isso se deu principalmente a partir da dissertação de mestrado de Martins (2019), a qual teve a obra de Galeano como inspiração em diferentes momentos, seja nos momentos de escrita, ou mesmo no seu fazer metodológico, quando se trouxe um dos seus contos numa dinâmica realizada com trabalhadores de uma escola pública. Tal dissertação não teve especificamente como objetivo investigar a relação da obra de Eduardo Galeano com a educação ambiental, mas sim trazer experimentações possíveis entre a educação ambiental, as narrativas e a diferença num ambiente escolar. Todavia, a literatura desse autor acompanhou diferentes momentos da pesquisa a ponto de inspirar a escrita desse artigo de estilo ensaístico, como mostraremos a seguir. Nosso objetivo com esse trabalho é pôr em movimento outros modos de se conceber práticas e pesquisas em educação ambiental, em especial nos seus encontros com a poesia e a literatura, tomando como inspiração a potente obra sentipensante de Eduardo Galeano.

## Me ajuda a olhar? Tateando uma pesquisa em educação ambiental

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:- Me ajuda a olhar!

(GALEANO, 2006, p. 15)

Talvez um dos grandes papéis dos educadores, e em especial dos educadores ambientais, esteja nesse gesto simples e sensível de “ajudar a olhar”. Olhar de forma semelhante aos olhos de criança que vê pela primeira vez o mar. Achar o encantamento e a arte que podem habitar esse olhar. O “ajudar a olhar” dialoga com a educação ambiental, pois precisamos dele para ver os mares, as florestas, os seres vivos e as relações que tecemos com eles de outras formas, que não reforcem um olhar da objetificação. Na nossa compreensão desse conto, ajudar a olhar não é fazer o outro olhar com os mesmos olhos que eu, mas um ato de compartilhar perspectivas. É possível igualmente aprendermos por relações, experiências, movimentos e as próprias sensações do corpo. Cabe dizer também que o próprio mar pode ser pensado como uma

---

<sup>6</sup> Foi realizada uma tradução do espanhol para o português sob nossa responsabilidade do seguinte trecho: “Sentipensar con el territorio implica pensar desde el corazón y desde la mente, o co-razonar, como bien lo enuncian colegas de Chiapas inspirados en la experiencia zapatista”. O neologismo “co-razonar” faz um jogo de palavras entre as palavras “corazón” (coração) e “razonar” (raciocinar).

agência educadora, a qual pode nos afetar e desestabilizar, não sendo uma paisagem inerte.

Além da relação entre pai, filho e o mar, o que poderíamos aprender sobre o mar com os pescadores artesanais? Ou com os piratas e navegantes? Com oceanógrafos? Petroleiros? Nadadores? Banhistas? Poetas? Para cada um destes sujeitos seriam “mares” bastante diferentes, porque cada um deles vive sua experiência com o mar de formas distintas. Todavia, todos esses compartilham o mesmo ambiente habitável junto a outras existências.

Guimarães (2012), narrando as potencialidades que ocorrem numa educação ambiental que dialoga com a perspectiva pós-estruturalista, apresenta-nos as seguintes indagações:

Nesses tempos atuais, seria interessante provocar deslizamentos no olhar? Não seria produtivo, quem sabe, deixar um pouco de ver o mundo, um ambiente, a partir de representações, das significações, das identidades [enfoque central dos estudos culturais em educação no Brasil] buscando [antropofagicamente?], agora, invenções de mundos, de ambientes, de subjetividades que escapam? (GUIMARÃES, 2012, p. 364)

Em outro texto, Guimarães nos conta que a ficção pode nos convidar a “uma dimensão brincante do pensamento”, que procura desfazer algumas ordens cristalizadas e incluir algumas novidades e estranhamentos (GUIMARÃES, 2019, p. 47). Ele também aponta a ficção e as experimentações que podemos fazer com ela como formas potentes de criação inventiva nas margens da educação.

Ao trazermos esse encontro entre literatura, ficção e educação, cabe-nos ressaltar a importância de não as entendermos numa perspectiva instrumental. Ao invés de serem encaixadas como penduricalhos para uma determinada proposta de educação ambiental, como a literatura e a ficção podem nos afetar, nos desestabilizar, nos ferir, nos tocar suavemente? Como a ficção pode nos fazer gaguejar como a criança no conto, que está a observar pela primeira vez o mar?

A pesquisa em educação ambiental que iremos narrar demarcou, desde o seu início, a intenção de lidar com o ambiente da escola de outras formas, tentando escapar dos estereótipos que permeiam muitas práticas de educação ambiental, tão fortemente carregadas de clichês (SAMPAIO, 2017). Quando se narra o ambiente escolar, muitas vezes há a sensação de nos sentirmos saturados de palavras, prescrições, frases prontas, desgastadas... Há muita verbosagem sobre o que é ou o que deveria ser tal ambiente. É possível se permitir brincar e “pôr em jogo” a escola e o que ela significa? Permitir que mais ambiguidades e imprecisões a povoem? Desconstruí-la a ponto de que não busquemos mais as suas “essências” e “verdades”, e, quem sabe, habitá-la de modos outros? Como a ficção e a literatura poderiam nos ajudar nesse movimento? Como expõe López (2017):

...em alguns momentos, nos invade a sensação de que há um excesso de palavras em torno da escola; dela falam os gestores do poder público, os jornalistas, os empresários, as ONGs, o cidadão comum e os especialistas de todo tipo, fala-se dela nas ruas, na TV, nas rodas de amigos e nos foros internacionais, mas essa abundância de palavras, longe de nos ajudar a

entender a natureza da escola, parece tornar cada vez mais difícil enxergá-la. Sabemos muito sobre a escola, mas saber não é entender, e nas sociedades contemporâneas, tão apressadas e vertiginosas, sabemos cada vez mais e entendemos cada vez menos. (LÓPEZ, 2017, p. 225)

Buscando uma conexão dessa citação com a pesquisa que desenvolvemos, cabe destacar a disposição de entendermos o contexto escolar com o qual dialogamos. A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no bairro do Pantanal, em Florianópolis (SC), foi nosso local de investigação. No período da ida a campo desta pesquisa, no segundo semestre de 2018, a Escola Beatriz atendia 486 alunos do 1º ao 9º ano do fundamental, funcionando nos períodos matutino e vespertino, e tendo uma equipe de 35 funcionários, dentre professores e profissionais de apoio. Ela é uma escola pública reconhecida por seu grande engajamento político e social dentro da sua comunidade, tendo também uma série de parcerias com as universidades federal e estadual de Santa Catarina, que realizam diversos projetos educativos junto à unidade escolar. É importante também destacar a participação democrática da comunidade escolar nas eleições para direção, característica importante para sua gestão democrática e no envolvimento comunitário com as questões escolares.

Tanto a escolha dessa escola para a realização da pesquisa, quanto a primeira aproximação com esse espaço, deu-se principalmente devido ao fato de o primeiro autor desse artigo haver trabalhado nessa escola como professor substituto de Ciências no ano de 2016. Ao retornar à escola em 2018, agora como pesquisador, propôs a realização de uma série de oficinas com os trabalhadores e uma turma de estudantes do nono ano do ensino fundamental, que tinham por objetivo a criação de narrativas e poéticas a partir da interação deles com o que chamaríamos de “ambiente-escola”: o ambiente escolar que existe na multiplicidade das suas subjetividades, afetos e encontros.

Neste (re)encontro com os sujeitos dessa escola, propusemos duas principais linhas de ação. A primeira delas envolveu a realização de oficinas com os estudantes no horário escolar, em uma parceria com o professor de Ciências que trabalhava neste período. Oficinas, que, com uma proposta bastante diversificada, buscaram propiciar momentos de proliferação de narrativas e poéticas acerca da escola. Todavia, essa parte da pesquisa com os estudantes não será apresentada nesse artigo, por não ter sido escolhida como enfoque, mas sua discussão pode ser encontrada em Martins (2019).

Já na segunda linha de ação, foram realizadas atividades com os trabalhadores da escola, buscando contemplar a multiplicidade de vozes e posições dentro da escola na seleção desses funcionários. Por isso, foram convidados professores de diferentes áreas, coordenadores pedagógicos, cozinheiras, a diretora, uma bibliotecária e um atendente de serviços gerais. Inclusive, foram convidados dois funcionários que haviam se aposentado recentemente. Além dos sujeitos terem sido convidados de forma a trazer uma multiplicidade de perspectivas dentro da escola, como critério de seleção também foi considerado sua disposição de participar das oficinas e também a viabilidade de participação devido às restrições de carga horária de trabalho. Destacamos que não houve a pretensão de apresentar a fala de determinados indivíduos como “representativa” de um determinado grupo ou categoria.

Nas oficinas feitas com os estudantes e os trabalhadores, houve diferentes momentos em que as experimentações em educação ambiental se propuseram a “ajudar a olhar” a

escola de outras formas. Convidar a criar novas narrativas sobre ela, e “as naturezas” que nela existem.

Foram convidados diferentes trabalhadores da escola para fazer essa experimentação pedagógica. Cabe colocar o grande desafio que envolveu reunir tais funcionários num contexto atribulado de trabalho. Foi proposta a realização de dois grupos de oficina com tais funcionários, ambos contando com um único encontro. Cada grupo foi composto por cinco diferentes profissionais de acordo com sua disponibilidade de horários. A dinâmica de realização de ambas oficinas teve um planejamento idêntico, sendo elas estruturadas em dois momentos principais. O primeiro momento envolveu uma roda de conversa com o coletivo de funcionários, tendo como propulsoras algumas perguntas sobre suas relações de encontro e afeto com aquele ambiente escolar. Esse momento não será discutido para os objetivos e fins desse artigo, mas é apresentado e debatido em Martins (2019). O segundo momento da oficina, de proposta mais inventiva, consistiu na criação de uma pequena poética acerca do ambiente da Escola Beatriz, tendo uma dinâmica específica como disparadora, como será detalhado na próxima seção.

O contato inicial com os funcionários selecionados ocorreu através de encontros prévios no próprio ambiente escolar. Dentre o total de dez funcionários participantes, estavam o professor de Ciências substituto, Arthur Magalhães; a professora de Português, Rita de Cássia Peres; a atual diretora, Nailze Pereira, que também é professora de História da instituição; o funcionário de serviços gerais, Sílvio Olávio; a bibliotecária da escola, Fernanda Lückmann; as cozinheiras Catarina Rosa e Fátima Regina Cunha; e o coordenador pedagógico e professor de Ciências realocado Pedro Simas. Foi autorizada pelos participantes destas oficinas a utilização dos seus nomes reais<sup>7</sup>. Compreendemos ser importante apresentá-los dessa forma no sentido de dar valor autoral às produções poéticas que criaram.

Além desses oito sujeitos de pesquisa, foram convidados a participar das oficinas outros dois sujeitos apontados como importantes na história da Escola Beatriz, mas que haviam se aposentado recentemente. São eles o ex-diretor, coordenador pedagógico e professor de Artes Pedro Cabral; e a ex-coordenadora pedagógica e professora de Ciências, Gládis Helena. Suas presenças se justificam por ambos haverem deixado marcas indeléveis nesta escola. Pedro Cabral, homem negro, homossexual e ativista de pautas progressistas em Florianópolis, teve uma trajetória intensa de 32 anos como educador no espaço da Escola Beatriz, sendo um dos mentores da construção de uma escola engajada com causas sociais e na busca de um padrão de excelência para a rede pública. Gládis Helena foi igualmente defensora das causas da escola e da educação, uma mulher imersa em afetividades no seu fazer como educadora. Trabalhou por 17 anos na Escola Beatriz e ao longo de 30 anos na rede de ensino municipal de Florianópolis. Se a Escola Beatriz se configurou como é atualmente, isto se deve também ao trabalho cotidiano, competente e afetuoso deles.

Na próxima seção será narrado em primeira pessoa como ocorreu essa oficina com os funcionários da escola, a partir do ponto de vista do primeiro autor desse artigo.

---

<sup>7</sup> Essa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da universidade a qual essa pesquisa está filiada, sendo que foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos funcionários participantes. Os sujeitos que tiveram suas imagens veiculadas também assinaram um Termo de Autorização e Cessão de Uso de Imagem.



## Palavras furiosas, amantes, brincantes ...

Após a realização da roda de conversa inicial com os funcionários, anuncio que o segundo momento na oficina será uma dinâmica de proposta mais experimental e inventiva. Começo lendo para eles uma pequena narrativa do escritor Eduardo Galeano, vindo do seu livro “As Palavras Andantes”, que me serviu de inspiração para criar a atividade que se sucederia:

"Janela sobre a palavra/IV"

Magda Lemonnier recorta palavras nos jornais, palavras de todos os tamanhos, e as guarda em caixas. Numa caixa vermelha guarda as palavras furiosas. Numa verde, as palavras amantes. Em caixa azul, as neutras. Numa caixa amarela, as tristes. E numa caixa transparente guarda as palavras que têm magia.

Às vezes, ela abre e vira as caixas sobre a mesa, para que as palavras se misturem do jeito que quiserem. Então, as palavras contam para Magda o que acontece e anunciam o que acontecerá. (GALEANO, 2007, p.69)



**Figura 1.** Embaralhamentos de palavras. Fonte: Arquivo pessoal do primeiro autor.

As palavras escolhidas, dentre os papéis que trouxe na caixa, foram: “espaço público”, “vida”, “luta”, “resistência”, “relações”, “afetos”, “política”, “leitura”, “encanto”, “sonho”, “acolhimento”, “amor”, “sentimento”, “amizade” e “arte”. As que surgiram no momento da atividade, por desejo dos funcionários, foram “ternura”, “diálogo” e “comprometimento”. A palavra “espaço público” foi escolhida por quatro distintos funcionários, já as palavras “vida”, “luta”, “diálogo”, “relações”, “ternura”, “política”, “leitura”, “afetos” e “comprometimento” foram escolhidas duas vezes, e o restante uma única vez.

Foi instigante constatar que a palavra “espaço público” foi a mais escolhida, o que demonstra a relevância e a potência existentes nesse espaço para esses funcionários. Relacionando tal escolha com os diálogos que ocorreram anteriormente, essa importância se dá tanto no sentido de a Escola Beatriz ser uma instituição pública municipal, quanto devido a ser um espaço de encontros e relações entre diferentes sujeitos e ideias, sendo por isso um espaço público por excelência, em oposição a um espaço privado.

Após os funcionários terem escolhido as três palavras, expliquei a eles o conceito de poema em estilo Haikai, o qual pode ser entendido como uma “narrativa mínima”. O Haikai tem sua origem na cultura e na literatura japonesa, onde o termo “Hái” significa “brincadeira” ou “gracejo” e o “Kai” se aproxima às ideias de “harmonia” ou “realização”. Propus, então, que escrevessem um pequeno poema ou narrativa utilizando essas três palavras que escolheram. Disse também que poderiam usar as palavras da caixa para fazerem um poema num outro formato que não fosse o do Haikai (Figuras 2 e 3).



**Figura 2.** Poéticas que brotam de um ambiente-escola. Fonte: Arquivo pessoal do primeiro autor.



**Figura 3.** Funcionárias escrevendo suas poéticas na Biblioteca Escolar Paulo Freire. Fonte: Arquivo pessoal do primeiro autor.

Durante a finalização desta oficina com os funcionários, as cozinheiras Catarina e Fátima tiveram que sair um pouco mais cedo, pois havia demandas urgentes no refeitório que envolviam a preparação do lanche para os estudantes da escola. Apesar de elas terem escolhido as três palavras que mais lhe afetavam para com o ambiente da Escola Beatriz, não houve tempo suficiente para que compusessem suas poesias. Infelizmente não foi possível retornar à escola para concluir a atividade com elas por razões logísticas e de organização temporal da pesquisa.

Entretanto, assumimos que as palavras que elas escolheram já formavam, por si mesmas, um Haikai ou narrativa mínima. Já o funcionário de serviços gerais, Silvio, demonstrou ter dificuldade em compor essa pequena narrativa ou poética. “Agora não sai”, disse ele a mim. Tranquilei-o e coloquei como, num caso semelhante ao de Catarina e Fátima, as três palavras que havia escolhido poderiam ser, por elas mesmas, uma poesia. Todavia, causou-me inquietação e desconforto – assumindo à risca que o sentipensar não é algo que passa exclusivamente por sensações positivas e agradáveis – observar que foram justamente o funcionário de serviços gerais e as cozinheiras que não puderam concluir suas poesias, o que desvela desigualdades laborais e sociais que não podem ser esquecidas ou invisibilizadas.

A seguir, são apresentados os haicais produzidos na atividade relatada. Cabe destacar que esses exercícios poéticos não foram tomados como “dados” para serem analisados ou interpretados. Inspiramo-nos em Kasper (2014) e Guimarães (2010) nessa escolha teórico-metodológica, já que ambos dissertam sobre processos de criação metodológica e experimentação. Ao apresentarmos as poesias criadas, queremos deixar ressoar suas múltiplas sensibilidades e potências políticas, ventilando possibilidades de encontros criativos entre a educação ambiental, a literatura e a inventividade poética.

Escola, espaço de diálogo  
De vida que é vivida  
Um encontro, um despertar de pensamentos

(Pedro Simas, coordenador pedagógico)

Despolitizar o cotidiano da escola  
É esvaziá-la de toda ternura  
É preciso lutar e resistir

(Nailze Pereira, diretora da Escola Beatriz)

Escola espaço público  
Espaço de diferentes leituras de mundo  
Espaço de relações de diferentes  
Espaço de conhecimento histórico acumulado e construído  
Espaço político  
Espaço lúdico e de afeto  
Espaço de comprometimento  
Espaço de uma vida  
Boa de ser vivida.

(Gládis Helena Machado, professora aposentada e ex-coordenadora pedagógica)

Leitura é algo surpreendente  
Que perpassa pelas relações educativas,  
Principalmente pelos afetos.

(Fernanda Lückmann, bibliotecária da Escola Beatriz)

Encanto

Afetos

Sonho

(Catarina Rosa, cozinheira da escola)

Comprometimento

Acolhimento

Amor

(Silvio Olavio Alves, funcionário de serviços gerais)

ESCOLA  
ESCOLA  
PÚBLICA  
BEATRIZ  
ESPAÇO  
POLÍTICA

PÚBLICA  
PÚBLICA  
BEATRIZ  
ESCOLA  
POLÍTICA  
COM  
AMOR

(Pedro Cabral, ex-diretor e professor de Artes)

Resistência:

Com diálogo

Vida, vida viva!

(Rita de Cássia Peres, professora de Português)

Sentimento

Amizade

Ternura

(Fátima Regina Cunha, cozinheira da escola)

Com muita luta

e muita arte

Se constrói o espaço público

(Arthur Magalhães, professor de Ciências)

## Assoviar o vento dentro de si

A Ventania

Assovia o vento dentro de mim. Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo dono de minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a contravento, e sou o vento que bate em minha cara. (GALEANO, 2006, p. 270)

Nesse artigo fizemos o convite para que a literatura e a ficção “assoviassem ventos” de renovação na educação ambiental, talvez apostando que ela possa se tornar menos enrijecida e normativa quanto aos seus métodos e propósitos. Afirmamos, em nossas considerações finais, o desejo de que as poéticas e inventividades narrativas possam povoar cada vez mais os espaços educativos, em especial os escolares. Eduardo Galeano foi o principal autor que nos mobilizou nesse movimento, mas existem muitos outros escritores e escritoras que seriam inspiradores nesse sentido.

Convidamos os sujeitos participantes dessa pesquisa a sentipensarem o ambiente-escola que cada um vivencia, misturando a poesia e a política, o afeto e o encontro, a arte e a ciência, o sentir e o pensar... Escola que de tantas formas buscam “domesticar” e “apaziguar”, seja por reformas políticas intransigentes ou por censuras explícitas aos movimentos que são gestados nela. Cabe ressaltar que a Escola Beatriz é uma escola pública municipal, que se orgulha em atender as crianças filhas da classe trabalhadora. Em um cenário generalizado que tende à precarização e pauperização do ensino público, isso tem um significado profundo.

Dessa forma, a educação ambiental que buscamos criar coletivamente ao longo das oficinas foi afetada por todos esses aspectos. Ressaltamos que em pouquíssimos momentos foi citado o termo “educação ambiental” com os funcionários e estudantes, principalmente devido à forte formação de rótulos e preconceções que tal nomeação poderia direcionar. Todavia, não temos dúvidas que estivéssemos sentipensando a educação ambiental ao longo dessas oficinas. Acreditamos que fizemos um exercício de inventar um tipo raro e estranho de educação ambiental, possibilitando-nos abri-la, torcê-la, imaginá-la e remodelá-la como um pedaço de argila fresca e úmida.

Demarcamos o caráter experimental dessa pesquisa, que se propôs a dar novos significados tanto para a educação ambiental, quanto para o próprio espaço da escola. Uma educação ambiental mais disposta a “ajudar a olhar” por outros ângulos. Também apostamos numa escola que se permite valorizar a diferença e a multiplicidade dos

seus sujeitos. Uma escola onde todas ideias, saberes e subjetividades lhe são tão possíveis quanto bem-vindos. Educações grávidas de sonhos, resistências que criam rachaduras nas paredes dos autoritarismos, frestas para que as poéticas desses sujeitos possam vigorar e vicejar. Nesse mundo “de pernas pro ar” em que vivemos, talvez esse seja um dos maiores ensinamentos compartilhados pela obra literária sentipensante de Eduardo Galeano.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. Teses sobre a história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas**, v.1. São Paulo: Brasiliense, p. 222-232. 1987.
- BORDA, Orlando Fals. 2016. **Orlando Fals Borda – Sentipensante**. 1 vídeo (8 min e 38 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo>> Acesso em: 15 mar. 2021.
- CAMPIOLLO, Francielli. **O que faz pensar, o que faz sentir – A retórica de Eduardo Galeano na revista brasileira *Atenção!* (1995-1997)**. 2018. 225 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar com la Tierra: Nuevas Lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**. Universidad Autónoma Latinoamericana UNAULA. 2014.
- GALEANO, Eduardo. **Memória do fogo, vol. 1: Os nascimentos**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Memoria del fuego, vol. 3: O século do vento**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As veias abertas da América Latina**. 12. ed. São Paulo: L&PM, 1999a.
- \_\_\_\_\_. **Memória do fogo, vol. 2: As caras e as máscaras**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1999b.
- \_\_\_\_\_. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- \_\_\_\_\_. **As palavras andantes**. 5. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Futebol ao sol e à sombra**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.5, n.1, p. 11-26, 2010.
- \_\_\_\_\_. Uma leitura entre a floresta e a escola: um livro, uma década. In: PREVE, Ana Maria Hoepers; GUIMARÃES, Leandro; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Julia (Org.). **Ecologias inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, p. 362-367. 2012.
- \_\_\_\_\_. A Nau Incendiária da Ficção. In: MARTINS, Mirian Celeste; FARIA, Alessandra Ancona de; LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. (Orgs.). **Formação de Educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural**. São Paulo: Terracota Editora, 2019.



KASPER, Kátia Maria. Ecológica: Efigênia entre arte e vida. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n.2, p. 331-344, 2014.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. Filmar a escola: teoria da escola. In: LARROSA, Jorge (Org.) **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica editora, p. 225-234. 2017.

MARTINS, Daniel Ganzarolli. **Um ambiente chamado escola**: Narrativas atravessadas por afetos e encontros. 2019. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

RUFINO, Luiz; CAMARGO, Daniel Renaud; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental desde El Sur: A perspectiva da Terexistência como Política e Poética Descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, Sergipe, v. 7, n. Especial, p. 1-11, 2020.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Pedagogias culturais e educação ambiental: mídia e cotidiano na sala de aula. In: SCHWANTES, Lavínia.; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Ecos terrestres do Sul**: articulando os ecossistemas ao ensino de ciências. Rio Grande: Ed. da FURG, p. 29-46. 2017.

Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 24/02/2021